

TRÂNSITO

CRIANÇAS FAZEM BLITZ EDUCATIVA PARA QUE MOTORISTAS RESPEITEM CICLISTAS

3

ECONOMIA

CRISE NO COMÉRCIO É UMA DAS CAUSAS DO AUMENTO DO DESEMPREGO NO DF EM JULHO

8

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sexta-feira, 5 de setembro de 1997

Ruas escuras, falta de policiais e visitas de marginais levam pânico a morador de Águas Claras

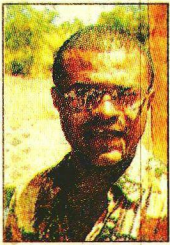
ACUADO NA PRÓPRIA CASA

NA BOCA DO POVO

Águas turvas

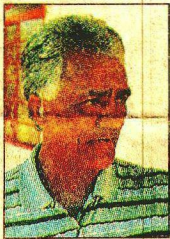
O que de ser feito para melhorar a segurança em Águas Claras?

ANGELO FILHO VIEIRA
21 anos, segurança de um prédio em Águas Claras



■ “Acho que o primeiro passo seria colocar luz nas ruas. Depois, um posto policial. À noite, depois que escurece, passa muita gente estranha por aqui. As pessoas têm medo de sair de casa e tá todo mundo se fechando cada vez mais.”

EDIMAR DIAS DA SILVA
45 anos, diretor comercial de uma cooperativa



■ “Para mim, o batalhão da Polícia Militar, responsável pela segurança de Águas Claras, deveria colocar mais viaturas para circular pela cidade. Não temos a menor segurança. Na semana passada, houve uma tentativa de arrombamento no estande da cooperativa.”

EDILSON TOMÁS GOMES
32 anos, diretor de negócios



■ “É basicamente isso: rondas ostensivas e um posto policial onde as pessoas pudessem recorrer em caso de necessidade. A área aqui é muito descampada e o acesso ao matagal é fácil.”

ALICE DE CAMPOS
53 anos, advogada



■ “Polícia. Só polícia. Se não der para colocar um posto fixo, pelo menos rondas móveis diárias. Os

moradores estão completamente desamparados na cidade. O perigo de assalto é constante e a cada dia aumenta a insegurança.”

DEUSDETE M. NEIVA
25 anos, policial militar



■ “Comprei um apartamento em Águas Claras e devo estar mudando pra cá no máximo em um ano. Como militar, acho que o bairro já merece um posto policial e rondas diárias. Espero que quando mude para cá as coisas estejam diferentes.”

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Uma população acuada. Assim, os moradores pioneiros de Águas Claras — cidade entre o Guará e Taguatinga — enfrentam as dificuldades de morar num lugar sem proteção policial e sem infra-estrutura básica. Domingo passado, a prova da desproteção. A constatação de que estão entregues à própria sorte. Cinco homens armados assustaram os moradores dos blocos A e B — prédios da cooperativa do Banco de Brasília — e espalharam pânico na redondeza. Nos dois blocos existem 96 apartamentos e moram atualmente 74 pessoas.

Eram perto de 20h quando na escuridão do bairro — não há sequer um poste para iluminar as ruas — os tais homens surgiram em um prédio em construção, bem em frente aos blocos A e B, que têm entrada única. Rondaram a área. Aproximaram-se. Um chegou até a portaria e pediu para usar o orelhão, que fica dentro do bloco. Ostentou o revólver que carregava na cintura.

Crianças brincavam no playground. O porteiro Raimundo Nonato Rocha, que estava de plantão nessa noite, não sabia o que fazer. Pensou: “Se abro a portaria coloco em risco a vida dessas crianças e dos moradores. Se resisto, ele pode se irritar e sacar da arma”.

Na dúvida, e uma fração de segundo para pensar, Raimundo abriu a porta. O homem entrou. Perguntou se o porteiro tinha cartão telefônico. Fingiu ligar para alguém. Observou com cuidado os carros estacionados na garagem.

Os companheiros o esperavam do lado de fora do bloco. Saiu e disse ao porteiro: “Amanhã, a gente volta”. Raimundo Nonato ficou apavorado. Chamou alguns moradores e contou o que havia acontecido. Começou a intranquilidade.

REVÓLVER NA CINTURA

“Foi o meu marido que ligou para a polícia”, conta a dona de casa Keide Andréa Boaventura de Jesus, de 23 anos. “Só que a polícia só chegou aqui quase às 11h. Alegaram que não tinham viatura para mandar”, emenda o irmão de Keide, Leonardo Lemos Boaventura, de 18 anos.

Assim que os policiais militares chegaram, os cinco suspeitos dispararam tiros. “Foram pelo menos dois”, calcula o porteiro Cândido Ferreira Filho, de 40 anos. Na completa escuridão, foi difícil saber onde

os homens haviam se escondido.

Na corrida de gato e rato, os marginais conseguiram escapar. Na segunda-feira, cumprindo promessa feita no domingo, os homens armados voltaram. Desta vez, eram três. Usaram a mesma tática de abordagem e o mesmo instrumento para intimidar: o revólver na cintura.

Desde esse dia, os 73 moradores alteraram rotinas e vivem sobressaltados. “Depois que escurece, não desço mais. Mudei o horário das minhas caminhadas e minha filha de oito anos não brinca mais debaixo do bloco depois das cinco horas da tarde”, apavora-se Maria de Fátima Moraes, de 35 anos, que há seis meses mora no bloco A.

MIL PROMESSAS

Amiga e vizinha de Maria de Fátima, a professora Valéria Vieira Rico, de 31 anos, lamenta a insegurança. “Para comprar um imóvel aqui pagamos muito caro. Tivemos a promessa de que mil coisas seriam feitas. Até agora, depois de um ano e dois meses, nada foi feito. Continuamos abandonados.”

A professora, que tem três filhos, sente-se acuada dentro de seu apartamento: “Antes, brincávamos que estávamos tão abandonados que nem bandido aparecia por aqui. Parece que a brincadeira acabou. Eles nos descobriram e passaram a ameaçar nossas vidas”.

Valéria conta que à noite Águas Claras tem virado um terror. “A

gente anda olhando para os lados. Como não tem asfalto e os buracos são muitos, voltar para casa torna-se mais perigoso. Não podemos acelerar muito o carro e a sensação é de que a qualquer momento vai aparecer alguém no meio do caminho.”

Desolado, Juracy Divino da Silva, de 25 anos, terá que refazer seus planos. Há um ano, o contador mora em Águas Claras, e paga caro pela escolha. “Estou pensando em vender o apartamento e comprar outro no Guará ou Cruzeiro.”

Divino não disfarça a insatisfação por morar em Águas Claras: “Estamos completamente isolados e jogados às traças”, desabafa. “Pagamos um IPTU alto e não se tem conforto nem segurança.”

De acordo com ele, à noite a coisa se torna mais complicada. “Chegar aqui depois que escurece é difícil. Quem não conhece, acaba se perdendo porque não consegue achar os endereços. Não tem sequer placas indicativas. Até a polícia não consegue chegar”.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



Moradores de Águas Claras, aterrorizados, mudam rotina e costumes e passam a se refugiar nos próprios prédios

Sobre a velha reivindicação do asfalto (na frente e nas laterais do bloco foram os próprios moradores que se cotizaram e fizeram), o morador observa: “O asfalto que o governo fez aqui liga nada a coisa nenhuma. Há um ano vivemos nesse sofrimento”.

BARRIL DE PÓLVORA

Consciente do problema em Águas Claras e igualmente acuado — pela falta de homens e viaturas — o comandante da 2ª Companhia de Polícia

Militar Independente (Cpmind) de Taguatinga, coronel Eloísio Rodrigues admite: “O problema está para explodir. Não temos policiais suficientes para cuidar de Taguatinga e de Águas Claras”.

E a situação pode piorar. “Quando a cidade se consolidar, será necessária a implantação de um quartel ou de uma companhia de polícia independente. Somos 450 homens para fazer a segurança de 200 mil habitantes, desde o M Norte — próximo a Ceilândia — até a Colônia

Agrícola Arniqueira, abaixo de Águas Claras, já no Parkway”, explica Rodrigues.

A 2ª Cpmind ganhou ontem oito Tempras. O comandante antecipou ao Correio que, a partir de hoje, rondas diárias serão feitas em Águas Claras. “No caso específico desses dois blocos, onde aconteceu o episódio de domingo passado, a saída imediata seria colocar um policial em cada um. Mas, se fizer isso, como fica o resto da cidade?”, indaga o comandante.